

Complementos direcionais em afro-variedades de português e espanhol

JUANITO ORNELAS DE AVELAR
Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Este artigo traz um panorama descritivo sobre a complementação direcional dos verbos de movimento em afro-variedades de português e espanhol. O estudo se ocupa de amostras da África e da América Latina para mapear contrastes envolvendo o uso de preposições. As afro-variedades serão caracterizadas quanto a estratégias conservadoras e inovadoras de complementação, a partir do estudo de Gonçalves (2010) para o português de Moçambique. Nas amostras analisadas, as afro-variedades de português se mostram mais inovadoras que as do espanhol, apresentando padrões que não são usuais nas variedades ibéricas.

Key words: preposições, verbos de movimento, variação, contato, mudança

1. Introdução

O domínio das preposições tem sido apontado como um dos aspectos em que o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) mostram propriedades divergentes. Um dos contrastes mais relevantes está no comportamento da preposição locativa *em*, que apresenta, nas variedades do PB, uma frequência de uso bastante alta junto aos chamados *verbos direcionais de movimento* (como *ir*, *vir* e *chegar*) em lugar da preposição *a*, largamente empregada no PE. Os exemplos em (1) ilustram o contraste: enquanto no PB vemos a variação entre *em* e *a* na introdução de complementos direcionais, o emprego de *em* nesse mesmo contexto sintático não é usual no PE. Especificamente no PB, um fato a ser ressaltado é que o emprego de *a* parece estar associado a um estilo mais formal, enquanto *em* é mais empregado no registro espontâneo.¹

Este estudo foi desenvolvido com recursos disponibilizados pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), por meio dos seguintes projetos: *A língua portuguesa no tempo e no espaço: contato linguístico, gramáticas em competição e mudança paramétrica* (FAPESP – Temático, 12/06078-9) e *Constituintes locativos e direcionais em afro-variedades de português e espanhol* (FAPESP – Pesquisa no Exterior, 13/07112-9). Parte dos resultados aqui expostos integrou a comunicação *Complementos direcionais em variedades africanas e latino-americanas de português e espanhol*, apresentada em coautoria com a Profa. Laura Álvarez López (Universidade de Estocolmo) no Encontro da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, realizado na Universidade de Lisboa, em junho de 2013. Aproveito para agradecer aos dois pareceristas anônimos deste artigo, que apresentaram valiosos comentários e sugestões para a continuidade da pesquisa.

¹ Para estudos sobre preposições locativo-direcionais e/ou verbos de movimento em variedades do português, vejam-se os seguintes trabalhos, dentre outros: Borba (1971), Mollica (1996), Macedo (1997), Costa (2000), Diório Jr (2002), Castilho (2004), Berg (2005), Menezes (2005), Oliveira

- (1) a. Fui/Cheguei/Vim *no* cinema. PB: ok / PE: *
b. Fui/Cheguei/Vim *ao* cinema. PB: ok / PE: ok

De uma perspectiva histórico-diacrônica, uma questão relevante em torno desse contraste é exatamente sobre o porquê de a preposição *em* ser mais empregada do que a preposição *a* em contextos de complementação direcional no PB. Um fato empírico que pode lançar luz sobre essa questão está no fato de variedades do português faladas em países africanos mostrarem um comportamento bastante similar ao do PB no que diz respeito ao emprego de *em*. Os resultados apresentados em Gonçalves (2010) sobre a complementação de verbos de movimento na gênese do português moçambicano (PM), por exemplo, mostram que *em* também pode introduzir complementos de itens como *ir*, *vir* e *chegar* nessa variedade. Atentando para dados de fala e escrita produzidos por falantes de português como segunda língua (L2) em Maputo, a autora observa o uso de *em* junto a constituintes com interpretação direcional, como nos exemplos em (2) a seguir. De acordo com Gonçalves, esse emprego é devido à transferência de propriedades gramaticais de línguas Bantu, faladas como língua materna pelos aprendizes de português em Moçambique.²

- (2) PORTUGUÊS MOÇAMBICANO L2 (Gonçalves 2010: 157-161)
a. “vai lá *em* casa tirar os cabritos”
b. “chego ali *na* cantina”
c. “venho *no* serviço a trabalhar”

Nesse sentido, estaríamos diante do que Petter (2009) denomina *continuum* afro-brasileiro do português, determinado por um rol de propriedades em comum,

(2005), Avelar (2006a, 2006b, 2006c), Farias (2006), Kewitz (2007), Ribeiro (2008), Oliveira (2009), Vieira (2009), Pires (2010), Viegas (2012).

² Silveira Bueno (1958:216-217) chama a atenção para ocorrências de *em* junto a verbos de movimento em dados do português medieval. À primeira vista, essas ocorrências poderiam justificar a hipótese de que os fatos relevantes no português brasileiro resultam de uma deriva linguística, na linha do proposto por Naro e Scherre (2007). Os exemplos apresentados em Silveira Bueno não são, contudo, casos típicos de complementação direcional: “...indo dar *em* hua fonte”, “Bem como Alfeu de Arcada *em* Siracusa vai buscar os braços de Aretusa”, “*En* a primeyra rua que chegemos...”, entre outros. Nos dois primeiros exemplos, *ir* é verbo auxiliar, de modo que o termo introduzido por *em* não pode ser tratado como seu complemento. No terceiro exemplo, *em* não introduz sintaticamente o complemento de *chegar*, mas sim o sintagma nominal (que serve de antecedente referencial a esse complemento) dentro do qual se encontra uma oração com o referido verbo; a seleção de *em*, nesse caso, se dá em função dos termos presentes na *oração principal*, que não é reproduzida pelo autor. Os dados expostos em Silveira Bueno não podem, dessa forma, ser tomados como uma evidência de que *em* era usual na introdução de complementos direcionais do português medieval e, portanto, não são um argumento favorável à hipótese da deriva.

resultantes do mudanças induzidas por contato linguístico, entre variedades brasileiras e africanas da língua.

Além da similaridade entre o PB e o PM-L2 no que diz respeito aos complementos direcionais introduzidos por *em*, um outro fato que reforça a ideia de o comportamento desta preposição integrar um *continuum* afro-brasileiro é o fato de o espanhol falado na Guiné Equatorial apresentar a mesma marca, tal como nos exemplos a seguir. Dados desse tipo reforçam a tese de Gonçalves no que diz respeito à possibilidade de se tratar de um efeito resultante da transferência de propriedades das línguas Bantu, já que a Guiné Equatorial também se encontra numa zona de falantes nativos dessas línguas.

- (3) ESPANHOL GUINEENSE-EQUATORIANO (Lipski 2007b: 98)
- a. “voy *en Bata*”
 - b. “yo voy *en cualquiera sitio*”
 - c. “su hijo va *en la escuela*”

Frente a esses fatos, o presente trabalho se propõe a apresentar um panorama descritivo sobre as estratégias de complementação direcional em algumas *afro-variedades* de português e espanhol na África e na América Latina. O objetivo é estabelecer um quadro comparativo que inclui tanto as estratégias associadas ao uso considerado padrão nas duas línguas quanto aquelas mais comuns no português brasileiro. A abordagem não entrará em questões de ordem teórica, limitando-se a uma descrição qualitativa sobre os fatos identificados nas variedades consideradas.

O texto vem dividido da seguinte forma: na seção 2, são apresentadas as amostras de fala utilizadas para o levantamento de dados; a seção 3 traz o conjunto de estratégias de complementação direcional identificadas nas amostras, com um panorama comparativo entre as variedades analisadas; a seção 4 aborda mais de perto os traços considerados inovadores nas afro-variedades de português e espanhol, procurando delinear hipóteses que possam explicar os contrastes detectados; as considerações finais são apresentadas na seção 5.

2. Amostras

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram analisadas amostras representativas de afro-variedades de português e espanhol na África e na América Latina. Por *afro-variedades*, entende-se aqui dois conjuntos de variedades linguísticas: (i) variedades de português e espanhol faladas como primeira (L1) ou segunda (L2) na África – particularmente para este estudo, em Angola, Moçambique e Guiné Equatorial; e (ii) variedades de português e espanhol faladas em *afro-comunidades* da América Latina.

A definição de *afro-comunidades* segue aqui os critérios indicados em Lucchesi, Baxter, Silva & Figueiredo (2009) para estabelecer o que chamam de *português afro-brasileiro*. Os autores apresentam os seguintes parâmetros para definir as comunidades afro-brasileiras:

(i) são compostas majoritariamente por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país e de difícil acesso; (ii) mantiveram-se em relativo isolamento até a segunda metade do século XX; (iii) sua principal atividade econômica é agricultura de subsistência (Lucchesi, Baxter, Silva & Figueiredo 2009:75).

Estendendo esses critérios ao caso do espanhol, o estudo analisou amostras de afro-comunidades da América Latina (Bolívia, Brasil, Cuba e República Dominicana), relativas a localidades nas quais pelo menos os parâmetros indicados em (i) e (ii) são atendidos.

A coleta de dados se deteve em construções com *verbos de movimento* (desde os típicos *ir*, *vir/venir* e *chegar/llegar* aos que eventualmente coocorrem com um termo direcional, como *levar/llevar*, *viajar* e *enviar*, entre outros) que selecionam como complemento um constituinte preposicionado de base nominal, indicando necessariamente o ponto final de uma trajetória. Essas construções serão exemplificadas com dados de cada variedade a partir da próxima seção.

São listadas a seguir as fontes utilizadas na coleta de dados. Embora a descrição desenvolvida neste trabalho não seja de base quantitativa, o total de dados levantados em cada material é citado ao final da menção a cada um deles, excetuando o caso do português de Moçambique, para o qual foram utilizados os exemplos fornecidos em Gonçalves (2010). O leitor irá observar que as amostras não se mostram uniformes no que diz respeito à quantidade de dados obtidos: enquanto as variedades do português forneceram mais de 500 dados, as do espanhol se restringem a 84. Essa oposição se deve tanto a diferenças no tamanho das amostras quanto à especificidade temática das entrevistas, cujo tópico pode favorecer ou não a ocorrência de sentenças com verbos de movimento, a depender dos assuntos tratados no desenrolar da conversa. Ressalte-se, nesse sentido, que as amostras obtidas para as afro-variedades do espanhol da América Latina não são extensas, o que impede fazer generalizações mais consistentes sobre os fatos relevantes identificados nessas variedades. Contudo, tendo em vista que o presente trabalho é apenas descritivo, sem pretensões de cunho teórico e em caráter ainda “piloto”, os dados levantados até agora atendem aos objetivos mais imediatos do estudo.

- Amostras do português no Brasil:
 - **Helvécia/Bahia** – amostras de fala dos moradores da comunidade rural afro-brasileira de Helvécia, cedidas pelo projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* (<http://www.vertentes.ufba.br/home>), sob a coordenação do Prof. Dante Lucchesi (UFBA) – ver também Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009). Os dados foram extraídos de 10 entrevistas que compõem a amostra. Total de dados encontrados: 239.

- **Jurussaca/Pará** – áudios e transcrições de entrevistas com moradores da comunidade quilombola de Jurussaca, disponibilizados pelo projeto *Comunidades Quilombolas – IPHAN/USP*, desenvolvido sob a coordenação das Profas. Dras. Margarida Taddoni Petter (USP) e Márcia Santos Duarte de Oliveira (USP). À época da coleta de dados, realizada em 2014, o material se encontrava disponibilizado no seguinte endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/indl/index.php>. Para o levantamento de dados, foram utilizadas 7 entrevistas. De acordo com Oliveira *et al.* (2015), a variedade do português falada em Jurussaca se inclui no que esses autores chamam de *português afro-indígena*. Total de dados encontrados: 105.
 - **Milho Verde e Bom Despacho/Minas Gerais** – áudios e transcrições de entrevistas com moradores das comunidades quilombolas de Milho Verde e Bom Despacho, também disponibilizadas pelo projeto *Comunidades Quilombolas – IPHAN/USP* (ver as informações sobre a amostra de Jurussaca). Para o estudo, foram utilizadas 6 entrevistas. Total de dados encontrados: 84
 - **Moquém/Alagoas** – transcrições de entrevistas com 14 moradores da comunidade quilombola de Moquém, apresentadas na coletânea *Resquícios de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz* (Moura 2009). Todas as transcrições foram utilizadas na pesquisa. Total de dados encontrados: 31.
- Amostras do português na África:
- **Cabinda/Angola** – Material em áudio coletado pelas pesquisadoras Anna Jon-And, Laura Álvarez López, Torun Reite (Universidade de Estocolmo) em junho de 2014, na região de Cabinda. A amostra abarca falantes de português como L1 ou L2. Os que têm o português como L2 são, em sua maioria, falantes de ibinda como L1. Para a coleta de dados, foram utilizadas 18 entrevistas da amostra, que em seu conjunto totaliza mais de 50. Total de dados encontrados: 102.
 - **Maputo/Moçambique** – Foi aqui considerado o conjunto de dados de fala e escrita apresentados e já discutidos por Gonçalves (2010) em *A gênese do português de Moçambique*.
- Amostras do espanhol na América Latina:
- **Bolívia** – transcrição de entrevistas com falantes da afro-variedade do espanhol proveniente da região dos Yungas, Bolívia, disponibilizadas por John Lipski em *Afro-Bolivian Spanish* (Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2005). Lipski (2015) destaca que os afroyungeños representam “la población de afrodescendientes hispaniamericanos más antigua”. Total de dados encontrados: 8.

- **Cuba:** transcrição de entrevistas com integrantes de afro-comunidades em Cuba, disponibilizadas por Luis Ortiz López em *Huellas etno-sociolingüísticas bozales y afrocubanas* (Frankfurt am Main: Vervuert, 1998). Total de dados encontrados: 14.
 - **República Dominicana:** transcrição de entrevistas com afro-descendentes na República Dominicana, apresentadas por Katherine Green em sua tese de doutorado intitulada *Non-standard Dominican Spanish: evidence for partial restructuring* (1997). Total de dados encontrados: 12.
- Amostra do espanhol na África:
- **Guiné Equatorial** – transcrição de entrevistas com falantes de espanhol no país africano, disponibilizadas em *La lengua española en Guinea Ecuatorial* (Quilis, Antonio & Casado-Fresnillo, Celia. Madrid: Universidad nacional de Educación a Distancia, 1995). A amostra é composta de textos orais narrativos, produzidos por falantes de espanhol como L2. Foram coletadas as primeiras 50 ocorrências de complementação direcional identificadas da amostra.

3. A complementação direcional: quadro comparativo

Considerando-se a especificidade das preposições, foram encontradas entre as amostras cinco estratégias de complementação direcional junto a verbos de movimento: (i) complementos direcionais introduzidos por *a*, conforme exemplificado em (4); (ii) complementos direcionais introduzidos por *para* (e suas variantes *pra* e *pa*), conforme em (5); (iii) complementos direcionais introduzidos por *em/en*, conforme em (6); (iv) complementos direcionais introduzidos por *para* e *em*, como em (7), previamente apresentados em Gonçalves (2010); e (v) complementos direcionais sem preposição, como em (8). Os padrões em (4) e (5), por serem largamente atestados nas variedades europeias de português e espanhol, serão aqui tratados como *traços conservadores*, enquanto aqueles em (6), (7) e (8) serão referidos como *traços inovadores*.

- (4) a. “já fui **a** *Ponta Negra*” (Cabinda, C318)
b. “no volvieron más **a** *la tierra*” (Guiné Equatorial, Q&CF 1995:495)
c. “me llevaron **a** *casa de una curandera*” (Cuba, López 1998:193)
- (5) a. “a gente foi **pra** *Tracuateua* com o professor” (Jurussaca, D. Antónia)
b. “já fui **pra** *Luanda*” (Cabinda, C201)
c. “nojotro ibamo **pa** *Arapata*” (Bolívia, Lipski 2005: 206)
- (6) a. “dois mil e onze eu vim já aqui **no** *Zenze*” (Cabinda, Z1)
b. “eu fui **no** *dotô*” (Moquém, F4)
c. “fui **en** *el ayuntamiento*” (Guiné Equatorial, Q&CF 1995:492)

- (7) a. “eu vou **para no** rio pescar” (Maputo, Gonçalves 2010:158)
 b. “vou **para lá em** casa dele” (Maputo, Gonçalves 2010:160)
 c. “nós fomos **para lá no** jardim” (Maputo, Gonçalves 2010:158)
- (8) a. “a primeira vez que fui *o médico*” (Helvécia, Informante 04)
 b. “vou *igreja*” (Cabinda, C318)
 c. “hai que í *la cementerio* recogé huesito” (Bolívia, Lipski 2005:204)

As variedades analisadas não foram uniformes no que diz respeito ao conjunto das estratégias. O quadro a seguir apresenta o panorama comparativo, incluindo o português brasileiro considerado “comum” e as variedades europeias do português e do espanhol. As abreviaturas para cada uma das variedades são desdobradas em rodapé, na nota 4. Especificamente para o português brasileiro, será empregada a abreviação PBG, em referência à *português brasileiro geral*, no intuito de referir ao conjunto de variedades vernáculas que compartilham os traços mais gerais do português falado no Brasil, entre eles a variação entre *em* e *a* na introdução de complementos direcionais. Cabe ressaltar que, para ser associada a uma afro-variedade específica, uma dada estratégia de complementação direcional deveria ter pelo menos duas ocorrências e ser produzida por pelo menos dois falantes distintos na amostra da respectiva variedade.³

Quadro 1: Preposições em complementação direcional nas amostras de português e espanhol

Variedades	<i>para</i>	<i>a</i>	<i>em</i>	<i>para em</i>	SN
	SN	SN	SN	SN	
Português Europeu	ok	ok	-	-	-
Português Brasileiro Geral	ok	ok	ok	-	-
Português Afro-Brasileiro	ok	-	ok	-	-
Português Afro-Brasileiro (Helvécia)	ok	-	ok	-	ok
Português Angolano (Cabinda)	ok	ok	ok	-	ok
Português Moçambicano (Maputo – L2)	ok	ok	ok	ok	ok
Espanhol Europeu	ok	ok	-	-	-
Espanhol Afro-Cubano	ok	ok	-	-	-
Espanhol Afro-Dominicano	ok	ok	-	-	-
Espanhol Afro-Boliviano	ok	ok	-	-	ok
Espanhol Guineense-Equatorial (L2)	ok	ok	ok	-	-

³ O único caso excluído foi encontrado na amostra de Moquéim, que teve uma ocorrência de complemento sem preposição. O dado foi o seguinte: “eles vão *todo canto*” (informante F3).

A comparação sugere que, de um modo geral, as afro-variedades de português são mais inovadoras que as do espanhol no que tange as estratégias de complementação direcional. É possível esboçar as seguintes generalizações a respeito do caráter mais ou menos conservador de cada variedade, a partir desse quadro comparativo:

- i) complementos direcionais introduzidos por *em* aparecem em todas as amostras de afro-variedades do português, mas apenas em uma amostra das afro-variedades do espanhol – a da Guiné Equatorial;
- ii) em seu conjunto, as afro-variedades do espanhol são mais conservadoras do que as do português no que diz respeito ao emprego da preposição *a*, tendo em vista que todas elas apresentam esse traço conservador, estratégia bastante recorrente nas variedades ibéricas;
- iii) ainda no que diz respeito ao emprego da preposição *a*, as variedades africanas do português mostram um comportamento mais conservador que as variedades do português afro-brasileiro, nas quais essa preposição não foi detectada;
- iv) sobre a complementação direcional sem preposição, ocorre nas duas variedades africanas do português, no português afro-brasileiro de Helvécia e no espanhol afro-boliviano;
- v) a ocorrência simultânea de *para* e *em* parece, até aqui, ser um traço restrito à variedade do português como L2 em Moçambique;
- vi) a preposição *para* é um traço conservador que ocorre em todas as amostras analisadas, não sendo, portanto, uma estratégia que permita contrastar as variedades em questão.

Esse conjunto de generalizações suscita pelo menos duas questões: (a) qual terá sido o gatilho externo para a emergência das inovações atestadas em cada variedade e (b) por que as afro-variedades não mostram o mesmo comportamento no que diz respeito à instanciação de traços inovadores e conservadores. Nas próximas seções, alguns pontos serão levantados relativamente às variedades analisadas, no intuito de discutir cada questão. A intenção não é trazer respostas conclusivas, mas destacar alguns elementos relacionados ao possível papel das dinâmicas de contato interlinguístico na emergência das inovações.

4. Traços inovadores na complementação direcional

No que diz respeito aos traços aqui analisados como inovadores (complementos introduzidos por *em* e complementos sem preposição), o fato de não serem usuais nas variedades ibéricas e de serem bastante frequentes em variedades que se formaram e/ou vêm se formando em situações de contato interlinguístico nos levam a crer que estamos diante de mudanças desencadeadas por contato, e não de um resultado de deriva linguística (ver nota 2 em rodapé). A recorrência de um ou ambos os traços em variedades contemporâneas de português e espanhol faladas como L2 na África corroboram essa conclusão. A questão relevante é, portanto, a

de saber como essa mudança desencadeada por contato foi implementada: se por meio da transferência de propriedades gramaticais das línguas maternas dos adquirentes de português e espanhol como L2 ou se por dificuldades relacionadas à aquisição de certos traços das línguas-alvo.

Serão abordadas a seguir as propriedades gerais detectadas em cada variedade, tomando como ponto de partida a análise proposta por Gonçalves (2010) para o português emergente em Moçambique. Tendo em vista que, conforme já dito, o presente artigo se limita a uma abordagem apenas descritiva, a apresentação do trabalho de Gonçalves (2010) será feita de forma simplificada, sem se aprofundar nos dispositivos teórico-analíticos relevantes explorados pela autora.

4.1 Um estudo prévio sobre o português L2 em Moçambique

Em estudo sobre a gênese do português moçambicano, Gonçalves (2010) argumenta que as estratégias inovadoras de complementação direcional exemplificadas em (9)-(11) a seguir tem sua emergência atrelada a duas particularidades gramaticais: (i) a perda do estatuto adposicional de *em*, que deixa de funcionar como uma preposição e passa a ocorrer como um item interno ao SN e (ii) a incorporação lexical, ao item verbal, de informações relevantes à expressão de direcionalidade.

(9) *em SN* (Gonçalves 2010: 158, 160)

- a. “quando voltávamos *em casa*”
- b. “meu marido regressa *no seu sector de trabalho*”
- c. “levam pedras ali *no buraco*”

(10) *para em SN* (Gonçalves 2010: 158, 160)

- a. “eu vou *para no rio* para pescar”
- b. “vou *para lá em casa dele*”
- c. “nós fomos *para lá no jardim*”

(11) *SN* (Gonçalves 2010: 159, 161)

- a. “fomos *jardim*”
- b. “cheguei aqui *Maputo*”

A particularidade indicada em (i) conduz à assunção de que os complementos direcionais introduzidos por *em* não são “verdadeiramente” preposicionados: em termos categoriais, eles dispõem do mesmo estatuto que os SNs apresentados na estratégia exemplificada em (11). A particularidade indicada em (ii) implica a possibilidade de verbos direcionais dispensarem a preposição na introdução de seus complementos, uma vez que já trazem lexicalmente embutidas as informações relevantes sobre o caráter direcional da expressão, ao passo que no PE essas informações são necessariamente atualizadas pelo emprego de preposições.

O esquema em (12) a seguir ilustra o contraste referente à primeira particularidade: enquanto uma expressão do tipo *em Maputo* é necessariamente analisada como um sintagma preposicionado no PE (abarcando, em seu interior, um SN), a mesma expressão pode ser analisada como um SN no português moçambicano L2, com o item *em* perdendo o caráter preposicional e sendo realizado como interno à estrutura do SN. A perda do estatuto preposicional explica, segundo Gonçalves (2010), por que *em* pode coocorrer com *para*, como no padrão exemplificado anteriormente em (10): não se trata de um termo introduzido por duas preposições distintas, mas de uma preposição (*para*) que introduz um SN (*no rio, em casa dele, no jardim*).

- (12) *em Maputo*
a. PE: [SP em [SN Maputo]]
b. PM-L2: [SN em Maputo]

Para confirmar o estatuto nominal (ou não-preposicional) das expressões relevantes com *em* no português moçambicano, Gonçalves (2010) destaca construções como as exemplificadas em (13) e (14) adiante: os termos introduzidos por *em* podem ocorrer tanto em posição de sujeito (tipicamente destinada a termos nominais sem preposição) quanto na posição de complemento de verbos que requerem um objeto direto (ou seja, complementos não preposicionados). Se *em* fosse sempre uma preposição na variedade L2 do português em Moçambique, essas construções não deveriam ser encontradas.

- (13) [*em* + SN] em posição de sujeito (Gonçalves 2010: 157, 160)
a. “*na minha casa* é perto da estrada”
b. “*no centro dele* é aqui”
- (14) [*em* + SN] em posição de objeto direto (Gonçalves 2010: 158, 160)
a. “costumo [...] varrer *no quintal*”
b. “visitei *no museu de história natural*”

A segunda particularidade (incorporação lexical, ao item verbal, de informações sobre a expressão de direcionalidade) vem ilustrada em (15) e (16): aqui, o contraste entre o português europeu e o português moçambicano L2 está no lócus dentro do qual se encontra o que estamos aqui chamando de DIR (a informação relevante à expressão direcional) – no primeiro, a informação relevante (que se trata de um destino, por exemplo) é codificada pela preposição *para*; no segundo, o próprio verbo abarca essa informação.

- (15) PORTUGUÊS EUROPEU
a. [SV V [SP P_{DIR} SN]]
b. Fui *a/para Maputo*.

- (16) PORTUGUÊS MOÇAMBICANO L2
a. [sv V_{DIR} SN]
b. Fui *Maputo*.

De acordo com Gonçalves (2010), essas duas particularidades são o efeito da transferência de propriedades gramaticais de línguas do grupo Bantu, faladas como L1 pelos aprendizes de português em Maputo. Uma dessas propriedades pode ser ilustrada pelo comportamento de expressões direcionais em changana, largamente falada na região: nessa língua, complementos de verbos direcionais podem ser realizados com um índice locativo (o sufixo *-eni*) em seu interior, como em (17) a seguir. Esse índice locativo não altera o estatuto categorial do SN: no termo *kerek-eni* “na igreja”, *-eni* não se caracteriza como um posposição.⁴ O termo que abarca esse sufixo se configura integralmente como um sintagma nominal (e não posposicionado) que serve para indicar *lugar onde*.

- (17) CHANGANA: complemento direcional (Gonçalves 2010:134)

Tin-tombhi ti-y-e *kerek-eni*
10-rapariga 10MS-ir-PS 9igreja-LOC
'As raparigas foram à igreja.'

Gonçalves (2010:133-134) chama a atenção para o fato de que, em exemplos como (17), “os constituintes que exprimem “lugar onde” são normalmente realizados como SN, os quais, para além de poderem desempenhar a função de oblíquo, tem também acesso às posições sintáticas de sujeito e objeto”. Os exemplos de (a) e (b) em (18) a seguir, que trazem um argumento com *-eni* como sujeito e objeto, respectivamente, confirmam o estatuto de *kerek-eni* como um SN; se se tratasse de um sintagma preposicionado, as construções deveriam resultar agramaticais, o que não é o caso. De acordo com a autora, essa propriedade explica a possibilidade de construções como as exemplificadas anteriormente em (13) e (14) no português L2 de Moçambique, nas quais constituintes locativos introduzidos por *em* ocorrem nas posições de sujeito e objeto, respectivamente: trata-se de um evidente reflexo dos padrões sintáticos do changana apresentados em (18).

⁴ As abreviações empregadas nas glosas, e seus respectivos significados, nos exemplos em (17)-(19), são os seguintes: GEN = genitive; MO = marca de concordância com o objeto; MS = marca de concordância com o sujeito; PRE = presente; PS = passado; LOC = morfema locativo; VF = vogal final. Os números indicados (9, 10, 17) correspondem à designação convencional para os classificadores e morfemas concordantes largamente empregados na literatura sobre as línguas Bantu. Mantive aqui a mesma numeração empregada em Gonçalves (2010).

(18) CHANGANA (Gonçalves 2010:134)

a. termo locativo em posição de sujeito

Kerek-eni ku-tsongo k-a hina ku-sasek-ile
 17igreja-LOC 17-pequeno 17-GEN nós ku-sasek-ile
 Lit.: ‘Em igreja pequena de nós é bonita’
 ‘A nossa pequena igreja é bonita’

b. termo locativo em posição de objeto

Tin-tombhi t-a-ku-tiv-a (*kerek-eni*)
 10-rapariga 10MS-PRE-17MO-conhecer-VF 17igreja-LOC
 Lit.: ‘As raparigas conhecem lá (em igreja)’
 ‘As raparigas conhecem-na (na igreja)’

A outra propriedade relevante diz respeito ao fato de que, em línguas Bantu, “os verbos de movimento incorporam preferencialmente ‘movimento’ e ‘percurso’, sendo que este inclui especificações semânticas não só de ‘exterioridade’ como de ‘direção’” (Gonçalves 2010:137-138). Particularmente no que diz respeito à expressão de ‘direção’, essa propriedade opõe essas línguas àquelas como o português, tendo em vista que estas atualizam tal expressão por meio do emprego de preposições, enquanto as primeiras a trazem incorporada ao verbo. As construções do changana em (19) a seguir exemplificam essa propriedade: os complementos dos verbos *tihuma* “sair” e *tinghena* “entrar” expressam apenas *lugar onde*; as outras informações relevantes à expressão (movimento, percurso e direção) ocorrem incorporadas ao próprio verbo. De acordo com Gonçalves, essas mesmas propriedades são transferidas para o português adquirido como L2 pelos moçambicanos, daí a possibilidade da ausência de uma preposição direcional em dados como os apresentados anteriormente em (11).

(19) CHANGANA

a. Tin-tombhi ti-hum-a [*kerek-eni*].
 10-rapariga 10MS-sair.de-VF 17-igreja-LOC
 movimento+fora+origem

Lit.: ‘Raparigas saem em igreja’
 ‘As raparigas saem da igreja’

b. Tin-tombhi ti-nghen-a [*kerek-eni*].
 10-rapariga 10MS-entrar.em-VF 17-igreja-LOC
 movimento+dentro+destino

Lit.: ‘Raparigas entram em igreja’
 ‘As raparigas entram para a igreja’

Se esta hipótese de Gonçalves (2010) estiver correta, uma questão relevante é a de saber em que medida essa mesma análise pode ser estendida às outras afro-variedades de português que apresentam uma ou mais dessas inovações. De um

modo mais amplo, também é importante verificar se os fatos identificados em variedades vernáculas do português brasileiro contemporâneo podem ser devidos a efeitos de substrato. Essas questões serão retomadas adiante.

4.2 Traços inovadores no português de Cabinda

Sobre o português falado como L2 em Cabinda (Angola), a amostra com informantes dessa região apresenta, como já ressaltado, duas das inovações atestadas no português moçambicano: complementos direcionais introduzidos por *em* e complementos direcionais sem preposição. Uma e outra estratégia são exemplificadas em (20) e (21) a seguir. Até agora, não foi detectado nenhum caso de dupla preposição na introdução de complementos direcionais na amostra dessa variedade.

- (20) PORTUGUÊS ANGOLANO (CABINDA)
a. “meu irmão veio, me apanhou, me levou *na cidade*” (Z1)
b. “fomos *numa festa de casamento*” (C328)

- (21) PORTUGUÊS ANGOLANO (CABINDA)
a. “eu vou sempre *muitos bairros*” (Z31)
b. “vou *igreja*” (C318)

Alguns fatos sugerem que as propriedades relevantes no português de Cabinda podem ser formalmente explicadas pela mesma hipótese proposta por Gonçalves (2010) para o português moçambicano: a ocorrência de argumentos introduzidos por *em* nas posições argumentais que não requerem constituintes preposicionados. Sobre argumentos em posição de objeto direto, a amostra apresenta construções como as exemplificadas em (22), nas quais complementos de verbos que não requerem preposição são introduzidos por *em* – o que sugere, na linha do defendido por Gonçalves (2010), não estarmos diante de uma preposição canônica, uma vez que não se trata de um item relacional requerido pelo verbo transitivo direto.

- (22) PORTUGUÊS ANGOLANO (CABINDA)
a. “conheço *em São Miguel*” (Z31)
b. “tem gente que frequenta *noutra igreja*” (C318)

Sobre argumentos preposicionados em posição de sujeito, embora não tenha sido identificado na amostra nenhum caso como os detectados por Gonçalves no português moçambicano (cf. dados em (13)), chama a atenção a alta frequência de construções com o verbo *ter* que trazem um constituinte locativo introduzido por *em* na posição imediatamente preverbal, como nos exemplos de (a) a (c) em (23) a seguir. Embora sejam casos nos quais o verbo adquire uma clara interpretação existencial, tal como atestado no português brasileiro contemporâneo (Avelar 2009), essas sentenças com *ter* podem ser parafraseadas por construções possessivas com o mesmo verbo, em que o constituinte locativo “perde” a

preposição e assume o estatuto de *sujeito*, como nas sentenças apresentadas de (a') a (c').

(23) PORTUGUÊS ANGOLANO (CABINDA)

a. “*naquela floresta tem muitos animais*” (Z32)

a'. *Aquela floresta tem muitos animais.*

b. “*na igreja tem tido alguns livros*” (C319)

b'. *A igreja tem tido alguns livros.*

c. “*No Rio Luangi não tem crocodilo*” (C322)

c'. *O Rio Luangi não tem crocodilo.*

Dessa forma, é plausível supor que as existenciais com *ter* na amostra de Cabinda trazem constituintes locativos preposicionados em posição de sujeito, em claro paralelo com casos mais gerais do português moçambicano. Como será destacado na próxima seção, fato semelhante ocorre com diferentes tipos de verbo do português brasileiro.

É interessante observar que *em* também introduz, na amostra de Cabinda, complementos direcionais que servem não apenas para indicar o ponto final de uma trajetória, mas também o ponto inicial ou a origem de um percurso, fazendo as vezes da preposição *de*, como nos dados de (a) a (c) em (24) a seguir. Os casos em (d)-(e) mostram *em* na introdução de complementos que poderiam ser introduzidos por diferentes preposições (*para* em (d), *por* em (e) e *com* em (f)), o que reforça a possibilidade de estender a hipótese de Gonçalves (2010) ao português de Cabinda: tal como no português moçambicano, *em* parece funcionar como um índice locativo interno ao sintagma nominal, cuja ocorrência independe de requerimentos seletivos do item verbal que rege o complemento. Não se trata, portanto, inerentemente de uma preposição, mas de um morfema que compõe facultativamente a estrutura de constituintes nominais.

- (24) PORTUGUÊS ANGOLANO (CABINDA)
- a. “saí *nas* mãos *dele*, fui morar no Congo” (C314)
a’. Saí *das* mãos *dele*.
 - b. “saí já *nessas* aldeias já pequeno” (C318)
b’. Saí *dessas* aldeias já pequeno.
 - c. “(isso) já me escapou *na* mente” (C206)
c’. Isso já me escapou *da* mente.
 - d. “vou viajar *na* França” (Z32)
d’. Vou viajar *para* a França.
 - e. “estou a torcer mais é *no* Brasil” (C206)
e’. Estou a torcer mais é *pelo* Brasil.
 - f. “O diário está *na* tua colega” (Z14)
f’. O diário está *com* a tua colega.

Embora não tenha sido possível, até aqui, ter acesso a estudos sistemáticos sobre as propriedades sintáticas dos constituintes locativos em ibinda (língua falada como L1 pela maioria dos informantes da amostra do português angolano em Cabinda), há razões para considerar a hipótese, na linha do sugerido por Gonçalves (2010), de que estamos diante da transferência de propriedades gramaticais. A esse respeito, vale trazer uma observação apresentada em Mingas (2000) sobre o português falado em regiões de Angola que têm outra língua Bantu como L1: o quimbundo. De acordo com a autora,

[...] os bilíngues angolanos que se encontram ao nível do bilinguismo funcional não conseguem fazer a diferença entre as diversas funções [das preposições *para*, *em* e *a*] e produzem frases complexas como, por exemplo:

- a) *Vão depressa na casa do camarada Nazário* em vez de: *Ide depressa à casa...*
 - b) *Ainda antes de irem na cama* em vez de: *Antes de irem para a cama...*
 - c) *Começaram a contar nos amigos* em vez de: *Começaram a contar aos amigos...*
- (Mingas 2000:76)

Ainda segundo Mingas, o quimbundo segue uma propriedade geral das línguas Bantu no que diz respeito aos locativos, apresentando três morfemas: (i) *ku*, que pode tanto ser direcional, servindo para indicar “lugar distinto e distante”, quanto locativo, indicando interioridade; (ii) *mu*, que serve à expressão de interioridade; e (iii) *bu*, que indica superposição. Para os adquirentes de português que tem o quimbundo como L1, parece não haver clareza quanto às correspondências entre as preposições locativo-direcionais portuguesas e os três morfemas locativos, o que vem resultando na generalização de *em* onde outras preposições seriam requeridas. As construções do quimbundo apresentadas a seguir mostram que *ku*, por exemplo,

é recorrente nos mesmos padrões frásicos em que o item *em* se generalizou, servindo tanto à expressão de direção quanto de interioridade.

(25) QUIMBUNDO (Mingas 2000: p. 75)

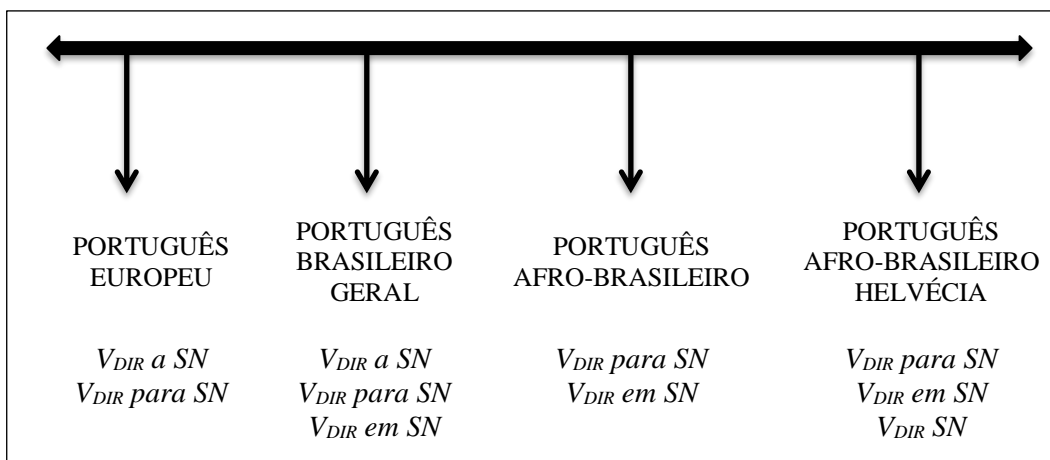
- a. *nde kuna* “vai para lá”
- b. *mwene wala kubata* “ele está em casa”
- c. *mwene wamuya kubata* “ele vai para casa”

Considerando que esse conjunto de propriedades do quimbundo são também parte do ibinda, tendo em vista a proximidade tanto genética quanto geográfica entre essas línguas, o traço inovador relativo aos novos usos de *em* na região de Cabinda pode ter a sua emergência atribuída à transferência de propriedades da L1 para o português adquirido como L2. O claro paralelismo com fatos observados no português moçambicano reforça essa hipótese, o que nos leva a uma nova questão, a ser abordada nas seções a seguir: a generalização de *em* na complementação direcional das variedades vernáculas do português brasileiro pode ser atribuída a uma influência de substrato?

4.3 Traços inovadores nas variedades brasileiras

Conforme ilustrado pelo quadro 1 da seção 3, o português afro-brasileiro de Helvécia foi a única afro-variedade do Brasil que mostrou complementos direcionais sem preposição. O uso de *em* foi identificado em todas as amostras do português afro-brasileiro, enquanto o emprego de *a*, um traço conservador, não ocorreu em nenhuma delas. Tendo em mente que *a* ainda ocorre em variação com *em* no PBG, é possível estabelecer um *continuum* que vai do português afro-brasileiro de Helvécia – a mais inovadora variedade, entre as consideradas, no que diz respeito às estratégias de complementação direcional – ao PE. Esse *continuum* segue ilustrado no quadro 2 a seguir, com as estratégias de complementação direcional detectadas em cada variedade (no esquema, V_{DIR} é a abreviação para *verbo direcional*): quanto mais à direita, mais inovadora é a variedade. O português afro-brasileiro das outras comunidades e o PBG ocupam uma posição medial dentro do *continuum*, com o primeiro se situando mais próximo do português afro-brasileiro de Helvécia, e o segundo, do PE. As variedades do português em Angola e Moçambique não são de simples acomodação nesse *continuum*, uma vez que têm apresentado tanto complementos direcionais sem preposição, como em Helvécia, quanto os traços conservadores do PE.

Quadro 2: *Continuum* das estratégias de complementação direcional nas variedades de português



Há pelo menos dois pontos relativos ao quadro 2 que merecem atenção. Um deles diz respeito a propriedades observadas na situação do PBG dentro do *continuum*, em particular sobre o estatuto da preposição *a*, e o outro se refere às propriedades de *em*.

Sobre a situação do PBG dentro do *continuum*, a hipótese que nos parece mais forte para explicar a presença do traço inovador (complementos direcionais introduzidos por *em*), frente aos fatos apresentados até aqui sobre as variedades africanas, é a de estarmos diante de uma mudança desencadeada por contato. A resistência da preposição *a* entre os casos de complementação direcional no PBG, ainda que pouco frequente em boa parte (senão na maior parte) das suas variedades, talvez seja possível, em grande medida, pela ação da instrução escolar formal. Se nos valermos dos conceitos de *gramática nuclear* (*core grammar*) e *gramática periférica* (*periphery*), nos termos de Chomsky (1981), é plausível considerar que o recurso à preposição *a* não é parte da gramática nuclear dos falantes do PBG, mas sim da gramática periférica. Seguindo os desdobramentos propostos em Kato (2005:3), podemos dizer que, enquanto a gramática nuclear é constituída de regras internalizadas no processo natural de aquisição da língua pela criança (no caso do PBV, as estratégias de complementação direcional com *para* e *em*), a gramática periférica “pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, de forma que indivíduos da mesma comunidade podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal” (no presente caso, as estratégias de complementação com *a*). Obviamente, é necessário desenvolver estudos empíricos para confirmar essa hipótese, mas o fato de a instrução formal exercer uma forte pressão contrária ao emprego da preposição *em* junto a verbos de movimento (o que é facilmente atestado pelo conteúdo de diferentes manuais escolares de cunho normativo) permite caracterizar o emprego de *a* como “artificial”, no sentido de que não é aprendido de modo natural pelas crianças no processo de aquisição da língua.

Se esta análise estiver correta, a gramática nuclear dos falantes de PBG dispõe das mesmas estratégias apresentadas pelos falantes das variedades do português

afro-brasileiro, com exceção da falada em Helvécia: a retenção de *a* se deve a elementos da gramática periférica, não sendo identificada no português afro-brasileiro das diferentes localidades consideradas porque seus falantes são de baixa escolarização, fator que dificulta a recuperação de traços conservadores.

O segundo ponto tem a ver com o estatuto de *em* nas variedades do PBG e do português afro-brasileiro. Especificamente no português afro-brasileiro de Helvécia, uma hipótese a ser considerada é a de que, pelo menos em alguns contextos, *em* não corresponde a uma verdadeira preposição, na linha do proposto por Gonçalves (2010). O que dá base a essa hipótese é o fato de os falantes de Helvécia recorrerem a uma estratégia inovadora de complementação direcional que também ocorre nas variedades angolana e moçambicana: os complementos direcionais sem preposição, como nos dados reproduzidos a seguir.

(26) PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO (HELVÉCIA)

- a. “vou *quase toda festa* que tem em Helvécia” (05)
- b. “vou embora mesmo *casa da minha mãe*” (07)
- c. “quando chegar lá *Mané Peixoto*” (22)
- d. “só essa ali que foi *Teixeira*” (05)
- e. “a primeira vez que fui *o médico*” (04)
- f. “vamos lá *advogado*” (06)
- g. “não manda (ele) *Belo Horizonte*” (22)

Embora não tenha sido encontrado nenhum caso claro de dupla preposição (*para+em*) em Helvécia, o que levaria à quase total identidade com o atestado em Moçambique, há um outro fato que reforça a hipótese de *em* não ser, na fala de Helvécia, um item prepositivo canônico, mas um morfema locativo interno à arquitetura do SN: a ampla ocorrência de constituintes locativos em diferentes posições sintáticas sem a presença do item *em*, como os italicizados nos exemplos em (a)-(g) de (27) a seguir. Todos esses termos seriam obrigatoriamente preposicionados no PBG e no PE, como em (a’)-(g’).

(27) PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO (HELVÉCIA)

- a. “esse povo é andado, já morou *tanto lugar*” (03)
- a’. ...já morou *em tanto lugar*.
- b. “Mora *Nuque*” (14)
- b’. ...mora *em Nuque*.
- c. “minha terra é ali *outro lado*” (06)
- c’. ...minha terra é ali *no/do outro lado*.
- d. “minha terra é lá *outro lado ali*” (06)
- d’. minha terra é lá *no/do outro lado ali*.

e. “Livrino tá lá *banda de Governador* pra lá” (13)
e’. Livrino tá lá *nas/pras bandas de Governador*.

f. “já tá lá *campo de bola*” (22)
f. Já tá lá *em/no campo de bola*.

g. “eu pisou lá *córrogo*” (22)
g’. Eu pisei lá *no córrego*.

Se esta análise estiver no caminho correto, uma de suas consequências verificada na constituição histórica do português afro-brasileiro de Helvécia está no seguinte aspecto: traços que emergem em variedades L2 de uma *língua-alvo* (no caso, o português), como resultado da transferência de propriedades gramaticais (a sintaxe de constituintes locativo-direcionais) de uma *língua-fonte* (no caso, línguas africanas do grupo Bantu), podem ser integralmente transmitidas e preservadas em variedades L1 da mesma língua-alvo. A propriedade gramatical relevante é, nesse caso específico, o emprego de sintagmas nominais não-preposicionados na complementação de verbos de movimento.

Sobre o cenário sociolinguístico que marcou a formação do português afro-brasileiro de Helvécia, o ponto em comum com o cenário atual observado em Moçambique é o fato de os falantes originais da língua-alvo serem um grupo populacional minoritário. Estudos sobre a demografia histórica da região onde hoje se situa a comunidade de Helvécia mostram que, no decorrer do século 19, havia uma média de dez escravos para cada pessoa livre naquela localidade (ver Lucchesi, Baxter, Silva & Figueiredo 2009). Entre os escravos, o percentual de africanos girava entre 40% a 50% em meados do século XIX.

Se os cenários de Moçambique nos dias atuais e o de Helvécia no século 19 são similares no que diz respeito à presença pouco significativa de portugueses e seus descendentes diretos, um e outro quadro sociolinguístico se diferem no que diz respeito ao papel da instrução formal na aquisição do português: ao contrário do observado em Maputo (onde a língua vem se difundido, em grande medida, por meio do processo de escolarização), não houve em Helvécia a ação do ensino sistemático da língua com suporte escolar que garantisse a presença de um *input* altamente monitorado para acesso aos dados do português. Isso pode explicar por que o português de Moçambique preserva o item *a*, um traço conservador, na introdução de complementos direcionais, a despeito de também apresentar traços bastante inovadores no mesmo contexto sintático. A mesma explicação pode ser estendida ao português falado em Cabinda, onde o referido traço conservador ainda mostra bastante vitalidade, ao lado de traços inovadores.

Quanto ao PBG e às outras variedades do português afro-brasileiro, o único traço inovador compartilhado com Helvécia é o emprego de *em* na introdução de complementos direcionais. Diante disso, não haveria razão, à primeira vista, para considerar que *em* tenha perdido o estatuto de preposição nessas variedades, em contraste com a situação de Helvécia. Há, no entanto, um conjunto de construções largamente identificadas no português brasileiro que representam um complicador

na tentativa de precisar o verdadeiro estatuto dessa preposição: trata-se das construções exemplificadas em (28) a seguir, em que sintagmas locativos introduzidos por *em*, como os termos italicizados em (a)-(c), podem variar com um termo nominal sem preposição em posição de sujeito, como os italicizados em (a’)-(c’). O mesmo ocorre nas variedades afro-brasileiras, como exemplificado em (29). Gonçalves (2010) destaca que esse é um dos padrões estruturais que sugerem ter havido uma reanálise da preposição *em* no português moçambicano (cf. dados em (13) na seção 4.1).

(28) PORTUGUÊS BRASILEIRO (Avelar e Galves (2013), exemplos 23, 26 e 29)

- a. “*no curso* ensina a fazer impressão de cartão de visita”
a’. *O curso* ensina a fazer impressão de cartão de visita.
- b. “*na bula* recomenda usar [o remédio] imediatamente após abrir”
b’. *A bula* recomenda usar o remédio imediatamente após abrir.
- c. “*no meu computador* imprime a etiqueta corretamente”
c’. *O meu computador* imprime a etiqueta corretamente.

(29) PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO

- a. “*na lavôra* é um cativêro” (Helvécia – 14)
a’. *A lavoura* é um cativeiro.
- b. “*no acalipe* não junta bicho” (Helvécia – 19)
b’. *O eucalipto* não junta bicho.
- c. “*na rocinha* é um local que tem umas mangueira” (Jurussaca – Valdeci)
c’. *A rocinha* é um local que tem umas mangueiras.

Especificamente sobre o PBG, o assunto foi previamente abordado em Avelar & Cyrino (2008), Avelar, Cyrino & Galves (2009) e Avelar & Galves (2013, 2014), sob o argumento de que as construções em (28) são um tipo de inversão locativa produzido por influência do aporte linguístico africano (em particular, de base Bantu) introduzido no Brasil. Em linhas gerais, esses trabalhos chamam a atenção para o fato de padrões similares serem também encontrados em muitas línguas Bantu, como o dado do changana exemplificado anteriormente em (18a). Se esses constituintes locativos preposicionados realmente estiverem ocupando a posição de sujeito, trata-se de um ponto em favor à hipótese de que o item *em* nem sempre funciona como uma verdadeira preposição no PBG, do contrário tais constituintes não seriam esperados em posição de sujeito. No entanto, o PBG e as variedades do português afro-brasileiro (com exceção de Helvécia) não exibem a alternância entre presença e ausência de preposição na introdução de complementos direcionais, o que dificulta estender a hipótese elaborada por Gonçalves (2010) às variedades brasileiras. Dessa forma, o real estatuto de *em* no PBG é uma questão aberta, cuja discussão requer um olhar mais teórico do que aquele a que este trabalho se propõe. É importante ressaltar, contudo, que os dados da variedade afro-brasileira de

Helvécia em particular parecem se conformar à hipótese de Gonçalves (2010), tendo em vista os dados apresentados em (26), (27) e (29a-c).

Para concluir estas reflexões sobre as variedades brasileiras, vale chamar a atenção para uma hipótese alternativa à proposta por Gonçalves (2010), aventada em Avelar e Galves (2014) para explicar as mudanças desencadeadas por contato entre os complementos direcionais: não se pode descartar a possibilidade de tais mudanças serem o resultado não da transferência de propriedades das línguas Bantu, mas da dificuldade, por parte dos aprendizes de português como L2, de assimilar propriedades relativas à complementação direcional, em especial no que diz respeito à escolha da preposição introdutora dos complementos. Dessa perspectiva, a preposição *a* pode ter sido eliminada da complementação direcional no português afro-brasileiro por ser de baixa saliência fônica, fator que poderia ter dificultado, no passado, a sua percepção (e conseqüente produção) por parte dos africanos aprendizes de português. Isso nos levaria a considerar os casos de ausência de preposição não como o resultado de uma influência de substrato, mas como um fato extensivo à supressão de *a* nesses contextos. Dessa perspectiva, a generalização de *em* junto a complementos direcionais seria em função de essa ser a preposição canônica do português para introduzir constituintes que expressam *lugar onde*: uma vez que os complementos direcionais são inerentemente locativos (ou seja, indicam uma localização espacial), não seria surpresa se os aprendizes de português como L2 fossem levados à conclusão de que *em* é um item que serve à introdução de complementos desse tipo, principalmente na situação em que teriam dificuldade para assimilar a preposição *a*.

Um fato que permite manter essa análise em nosso horizonte de explanação tem a ver com a ocorrência das chamadas *construções de duplo objeto* tanto no português afro-brasileiro de Helvécia quanto no português moçambicano: nessas construções, constituintes dativos são realizados sem preposição, como nos exemplos em (30) e (31) a seguir. Sabemos que termos com interpretação dativa no PE, assim como aqueles de interpretação direcional, são largamente introduzidos por *a*. A supressão da mesma preposição em contextos sintáticos distintos (complementação direcional e complementação dativa) reforça a ideia de *a* ser um item de difícil assimilação no aprendizado do português como L2, independentemente da estrutura sintática em que essa preposição ocorra. De acordo com Gonçalves (2010), a emergência do duplo objeto em Moçambique também se deve à transferência de padrões gramaticais comuns às línguas Bantu, mas Lucchesi e Mello (2009), ao observar termos dativos sem preposição em Helvécia, assinalam que a emergência das construções de duplo objeto no português afro-brasileiro da região pode ter sido desencadeada pela baixa saliência fônica da preposição *a*, que seria, em função dessa propriedade, de difícil assimilação no processo de aquisição do português como L2.⁵

⁵ Rita Gonçalves (2010) chega a uma conclusão similar, mas pela via semântica, a respeito do português oral de São Tomé. De acordo com a autora, “as construções de duplo objecto e a expressão do locativo direto constituem dois exemplos de como os argumentos com as relações gramaticais OI e OBL, introduzidos pela preposição *a*, têm sido interpretados pelos falantes, corroborando o

- (30) PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO (HELVÉCIA) (Lucchesi & Mello 2009: 441, 444)
- a. “cê manda pedir um empresti *ele*”
 - a’. Você manda pedir um empréstimo *a/prá ele*.
 - b. “ele vendia *compade Jacó* porco gordo”
 - b’. Ele vendi porco gordo *a/prá compadre Jacó*.
 - c. “dava um agrado *o menino*”
 - c. Dava um agrado *ao/pro menino*.
- (31) PORTUGUÊS MOÇAMBICANO L2 (Gonçalves 2010:126-127)
- a. “tiram aquele dinheiro entregam *dono*”
 - a’. Tiram aquele dinheiro e entregam(-no) *ao dono*.
 - b. “quero um bocadinho de arroz para ir dar *os patos*”
 - b’. ...para ir dar *aos/pros patos*.

Por fim, não se pode descartar a possibilidade de os dois fatores terem agido conjuntamente para produzir as mudanças em questão: a transferência de regras gramaticais comuns às línguas Bantu e a dificuldade, por parte dos adquirentes de português como L2, de assimilar certos traços da *língua-alvo*.

4.4. Sobre as afro-variedades do espanhol

Conforme já ressaltado, o total de dados obtidos nas amostras de afro-variedades do espanhol foi relativamente baixo (ver seção 2), em comparação com o total obtido nas do português. As considerações apresentadas nesta seção serão, dessa forma, uma tentativa de captar tendências que possam lançar luz sobre questões gerais, sem perder de vista que generalizações mais consistentes só podem ser sistematizadas com a ampliação dos *corpora*.

Dentro do que foi possível observar, as afro-variedades do espanhol se mostram menos inovadoras que as do português quanto às estratégias de complementação direcional. Os traços conservadores – complementos introduzidos por *a* e *para* – foram encontrados em todas as amostras, dividindo espaço com um traço inovador apenas na da Guiné Equatorial (complementos direcionais introduzidos por *em*, conforme exemplificado em (32)) e na do espanhol afro-boliviano (complementos direcionais sem preposição, como em (33)).

fato de a preposição *a* ser mais fraca e mais afectada no quadro da estrutura argumental. Simultaneamente são exemplos de como no processo de aquisição de uma língua convergem traços da língua materna, ocasionando *transfer*, mas igualmente propriedades gerais da gramática, nomeadamente semânticas”.

(32) ESPANHOL GUINEENSE-EQUATORIAL (Q&CF 1995: 493, 495, 500)

- a. “te lleva *en una curandera de esas*”
- b. “tendremos que volver *en Annobón*”
- c. “no me mandaron *en la beach*”

(33) ESPANHOL AFRO-BOLIVIANO (Lispki 2005: 201-202)

- a. “nojotro tenía que í cada sábado *la río* buscá lenã” [6]
- b. “nojotro ya mi papa ya si fue *la comuna*” [13]
- c. “Juanita vini *la escuela* desdi la comuna” [15]

Num primeiro momento, uma hipótese que se pode aventar para explicar a preservação de *a* em todas as variedades do espanhol se baseia em condições pertinentes à própria língua-alvo: esse item parece ser de mais fácil assimilação aos aprendizes de espanhol do que aos aprendizes de português como L2, uma vez que não sofre contrações morfo-fonológicas com o determinante. Lembremos que, em vez das formas *à(s)* e *ao(s)* do português, o espanhol apresenta *a la(s)* e *a lo(s)*; em outras palavras, enquanto a preposição e o determinante se amalgamam em português (chegando a formar uma unidade fonética quando o determinante é feminino), esses itens permanecem independentes no espanhol, dada a especificidade do material morfo-fonológico que introduz o determinante nessa língua. Pelo menos à primeira vista, portanto, as propriedades do espanhol permitem aos seus aprendizes como L2 divisar a preposição *a* com muito mais facilidade que os aprendizes de português. Se esta hipótese estiver correta, a preservação de *a* nas afro-variedades nativizadas do espanhol teria sido garantida por sua maciça presença nas primeiras variedades L2 que teriam servido de input no processo de nativização. Essa linha de raciocínio está na base, por exemplo, da explicação fornecida por Lucchesi e Mello (2009) sobre a tendência ao desaparecimento da preposição *a* em contextos dativos (ver (33) e (34) em 4.1) no português afro-brasileiro

A validação dessa hipótese esbarra, à primeira vista, nos fatos do espanhol afro-boliviano (também chamado de Afro-Yungueño), em que os complementos direccionais sem preposição estão em variação com aqueles introduzidos pela própria preposição *a*, exemplificados em (34) a seguir. Com relação a essa propriedade, Lipski (2007) destaca que o espanhol afro-boliviano costuma eliminar as preposições *de*, *em* e *a*, como em (35). De acordo com o autor, “these monosyllabic prepositions are subject to erosion and elision in most vernacular forms of Spanish, and also frequently disappear in L2 varieties” (Lipski 2007:23).

(34) ESPANHOL AFRO-BOLIVIANO (Lispki 2005: 202, 203)

- a. “No qui mandá más a tu chiquita *a escuela*” [17]
- b. “...tenia que i *a su casa*” [5]

- (35) ESPANHOL AFRO-BOLIVIANO (Lipski 2007a: 23)
- a. “[yo] nació [en] Murarata”
 - b. “tengo un Hermano allá [en] Coroico”
 - c. “aprendió [a] tomá”
 - d. “en este tempo di cosecha siempre nojotro va [al] trabajo”
 - e. “he ido [a] Caranavi seis año”
 - f. “cuando gallo canta [a las] seis de la tarde”
 - g. “los patrón vivían [en] La Paz”

Lipski (2007a) chama atenção para a possibilidade de o espanhol afro-boliviano ter sofrido alguma influência do Aymara, língua nativa de muitos bolivianos da região onde teria emergido a afro-variedade. Segundo o autor:

It is conceivable that in past centuries, Afro-Yungueño speech may have been more significantly altered by contact with the Aymara language or with the Spanish as spoken by Aymara-dominant bilinguals. (2007: 29)

O corrente apagamento de preposições no espanhol afro-boliviano pode, dessa forma, resultar de dinâmicas de contato interlinguístico que não foram atestadas na emergência de outras afro-variedades dessa língua, resultando dessa particularidade os complementos direcionais sem preposição.

Lipski (2006) também ressalta o fato de o Afro-Yungueño compartilhar uma série de aspectos com o português afro-brasileiro de Helvécia, o que pode incluir o caso dos complementos direcionais sem preposição (ver seção 4.3). Atentando para a formação histórica das duas afro-variedades, o autor traça um interessante paralelo entre uma e outra:

More than two centuries separate the emergence of the two dialects, although Helvécia Portuguese presumably included in its input already partially restructured vernacular Brazilian Portuguese dialects, already bearing a strong African imprint. Both involved speakers of African languages attempting to learn an Ibero-Romance language under the unfavorable conditions of slavery, and partially partitioned off from larger pools of native speakers of the target language by other L2 speakers: the Swiss in Helvécia and Aymara speakers in Bolivia. There are no known historical connections between the two dialects, each of which appears to have been formed in situ. (2006:112)

Há ainda outras duas hipóteses alternativas, apresentadas em Sessarego (2011) e Perez (2015), que podem lançar nova luz sobre os fatos do espanhol afro-boliviano. Sessarego (2011:126), em particular, destaca que os elementos gramaticais encontrados no afro-boliviano também aparecem em L2 “intermediárias” e “avançadas”, de modo que a emergência dessa variedade pode ser vista “as the result of imperfect processes of second language acquisition which were able to crystallize in an environment far from the pressure posed by the linguistic norm and language standardization”. Essa proposta vem ao encontro da noção de *transmissão linguística irregular*, defendida em Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009) para

explicar os traços do português afro-brasileiro de Helvécia, bem como a fixação de alguns desses traços no português brasileiro geral.

Perez (2015), por sua vez, propõe que o ancestral do Afro-Yunguenõ não teria se originado dentro da Bolívia: o seu desenvolvimento remontaria ao século 18, a partir de uma comunidade de escravos formada pelo tráfico português que teria passado pelo Rio da Prata antes de chegar à Bolívia. O português estaria, dessa forma, envolvido na formação histórico-linguística do espanhol afro-boliviano, o que poderia explicar, ainda que indiretamente, a coincidência de traços com variedades do português afro-brasileiro.

Um vez validada, qualquer dessas hipóteses poderia explicar a emergência de complementos direcionais sem preposição no espanhol afro-boliviano, mas nenhuma delas faz qualquer predição sobre a preservação da preposição *a*, um traço conservador, em todas as afro-variedades do espanhol. Conforme já dito, o que parece mais plausível, até este ponto, é o fato de o item *a* não sofrer um amálgama morfo-fonológico com o determinante nominal no espanhol (ao contrário do português), o que a torna de fácil percepção para aprendizes L2.

Sobre os complementos direcionais introduzidos por *em*, que só foram detectados na amostra da Guiné Equatorial, sua ocorrência pode ser devida às mesmas causas que as atestadas nas variedades angolana e moçambicana do português: por se tratar de uma região onde também se falam línguas Bantu, a preposição pode ter passado (ou estar passando) pelo mesmo processo de reanálise proposto por Gonçalves (2010) – ver 4.1. Não é óbvio, contudo, que esta estratégia irá sobreviver ao processo de nativização do espanhol na Guiné Equatorial, tendo em vista não se tratar de um recurso usual nas outras afro-variedades da língua. É possível que, na sua origem, as afro-variedades da América Latina tenham apresentado esta estratégia, em variação com a preposição *a*, mas a integração com outros grupos de falantes do espanhol, bem como condições inerentes à própria língua-alvo (como ressaltado previamente), tenham levado à consolidação da estratégia conservadora, em detrimento da inovadora.

5. Considerações finais

Uma das questões lançadas na introdução deste estudo – o porquê de a preposição *em* ser mais empregada do que a preposição *a* na introdução de complementos direcionais em variedades do PBG – reporta ao embate entre duas hipóteses explicativas sobre a difusão e consolidação do português no Brasil: a *hipótese da deriva*, que advoga em favor de as particularidades do português falado no Brasil ser o resultado de uma evolução natural das línguas românicas, e a *hipótese do contato*, que defende o papel do aporte linguístico africano na emergência de inovações gramaticais atestadas no português brasileiro. Os fatos apresentados neste artigo entre as afro-variedades analisadas são, inquestionavelmente, um ponto favorável à hipótese do contato, pelo menos no que concerne às estratégias de complementação direcional (ver nota 2 em rodapé). Mesmo autores como Naro e Scherre (2007), para quem “no português do Brasil inexistente influência gramatical

específica de qualquer língua africana, ou de língua de qualquer outra proveniência não portuguesa”, reconhecem que “o que aqui aconteceu foi uma ação conjunta das forças genéticas com as de contato”, estas últimas sendo responsáveis por uma “catálise” que teria induzido a “variação herdada através da via genética” (Naro e Scherre 2007:182).

Mais precisamente, se pensarmos que as variedades do PBG foram, na sua constituição, afetadas por um processo de transmissão linguística em que dados do português adquirido como L2 compuseram, em média ou larga escala, o *input* do português que ia sendo adquirido como língua materna por sucessivas gerações, não causa surpresa que padrões sintáticos das línguas nativas dos africanos tenham penetrado nessas variedades. Dada a imensa quantidade de africanos que precisavam aprender o português em condições adversas, aliada à aquisição natural da língua por seus descendentes diretos, o que causaria surpresa seria a situação em que a gramática do PBG preservasse integralmente as características do PE ou não herdasse qualquer propriedade comum às línguas dos milhões de africanos (em geral, falantes de alguma língua Bantu) que entraram em território brasileiro no decurso de quatro séculos do período da escravidão.

Nesse sentido, os fatos atestados nas afro-variedades latino-americanas em torno dos complementos sem preposição (o português afro-brasileiro de Helvécia e o espanhol afro-boliviano) podem espelhar aquilo que, no passado, serviu de base à formação do que aqui foi chamado de *português brasileiro geral*. É óbvio que, como assevera Callou (2015), afirmações desse tipo precisam ser amparadas por uma investigação histórico-demográfica que nos leve à exata compreensão de como traços inovadores induzidos por contato poderiam ter chegado a localidades brasileiras onde a presença de africanos e afrodescendentes não parece ter sido significativa. Contudo, mesmo frente a esse obstáculo empírico-metodológico, compartilhamos aqui do ponto de vista de Mattos e Silva (2002:456), para quem a população de origem africana foi “o principal elemento difusor do português no Brasil”. Ao abdicar de suas línguas, essa população “adquiriu a língua de dominação, reformatando-a profundamente”, fato refletido, ao que tudo indica, nas estratégias de complementação direcional identificadas tanto no português brasileiro geral quanto no afro-brasileiro, mais fortemente na afro-variedade de Helvécia.

Referências

- Avelar, Juanito (2006a), *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Avelar, Juanito (2006b), “Constituintes preposicionados, derivação por fase e critérios de interpretação temática”, *Estudos Linguísticos* XXXV:1033-1042.
- Avelar, Juanito (2006c), “Gramática, competição e padrões de variação: casos com “ter/haver” e “de/em” no português brasileiro”, *Revista de Estudos da Linguagem*, 14:99-144.

- Avelar, Juanito (2009), “On the emergence of TER as an existential verb in Brazilian Portuguese”, in Crisma, Paola & Giuseppe Longobardi (eds.), *Historical Syntax and linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 158-175.
- Avelar, Juanito & Sonia Cyrino (2008), “Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro”, *Linguística*, 3:55-76.
- Avelar, Juanito, Sonia Cyrino & Charlotte Galves (2009), “Locative inversion and agreement patterns: parallelisms between Brazilian Portuguese and Bantu languages”, in Petter, Margarida & Ronald Mendes (eds.), *Exploring the African Language Connection in the Americas – Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics*. São Paulo: Humanitas, 207-221.
- Avelar, Juanito & Charlotte Galves (2013), “Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato”, in: Moura, Maria Denilda & Marcelo Amorim Sibaldo (eds.), *Para a história do português brasileiro*. Maceió: Edufal, 103-132.
- Avelar, Juanito & Charlotte Galves (2014), “O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro”, *Revista Linguística (ALFAL)*, 30(2):241-288.
- Berg, Márcia (2005), *O comportamento semântico-lexical das preposições do português do Brasil*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Borba, Francisco (1971), *Sistemas de preposições em português*. Tese de Livre Docência. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Callou, Dinah (2015), Sobre o português no/do Brasil, in Avelar, Juanito & Laura Álvarez-López (eds.), *Dinâmicas Afro-Latinas: língua(s) e história(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 71-92.
- Castilho, Ataliba (2004), “Diacronia das preposições do eixo transversal no português brasileiro”. In: Foltran, Maria José, Ligia Negri & Roberta Pires de Oliveira (orgs.), *Sentido e significado: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 11-47.
- Chomsky, Noam (1981), *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Costa, Doris (2000), *Os verbos psicológicos e a queda da preposição A no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Diório Junior, Eduardo (2002), *Preposições no português brasileiro: um estudo frequencial*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Farias, Jorge Gomes de (2006), “Variação entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro e no português europeu: algumas notas”, *Letras de Hoje*, 41:213-234.
- Gonçalves, Perpétua (2010), *A Gênese do português de Moçambique*. Lisboa: INCM.
- Gonçalves, Rita (2010), “A preposição *a* no português de S. Tomé”, in Brito, Ana Maria, Fátima Silva, João Veloso e Alexandra Fiéis (orgs.), *Textos selecionados*

- do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 2009. Lisboa: Edições Colibri, 475-486.
- Green, Katherine (1997), *Non-standard Dominican Spanish: evidence of partial restructuring*. Tese de doutorado. New York: CUNY.
- Kato, Mary (2005), “A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical”, in Marques, Maria Aldina, Erwin Koller, José Teixeira, Aida Sampaio Lemos (orgs.), *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 131-145.
- Kewitz, Verena (2007), *Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no português brasileiro (séculos XIX e XX)*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Lipski, John (2005), *Afro-Bolivian Spanish*. Madri/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert.
- Lipski, John (2006), “Afro-Bolivian Spanish and Helvécia Portuguese: semi-creole parallels”, *Papia*, 16:96-116.
- Lipski, John (2007a), “Afro-Yungueño speech”, *Spanish in contact*, 4(1):1-43.
- Lipski, John (2007b), “El español da Guinea Ecuatorial en el contexto del español mundial”, in *La situación del español en África. Actas del II Congreso Internacional de Hispanistas en África*. Madri: Sial/Casa de África, 79-117.
- Lipski, John (2015), “La reconstrucción de los primeros contactos lingüísticos afrohispanicos: la importancia de las comunidades de habla contemporáneas”, in Avelar, Juanito & Laura Álvarez-López (eds.), *Dinâmicas Afro-Latinas: língua(s) e história(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 93-126.
- López, Luis Ortiz (1998), *Huellas etno-sociolingüísticas bozales y afrocubanas*. Frankfurt am Main: Vervuert.
- Lucchesi, Dante, Alan Baxter & Ilza Ribeiro (2009), *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante, Alan Baxter, Jorge Augusto Alves da Silva & Cristina Figueiredo (2009), “O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas”, in Lucchesi, Dante, Alan Baxter & Ilza Ribeiro (orgs.), *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 75-99.
- Lucchesi, Dante & Camila Mello (2009), “A alternância dativa”, in Lucchesi, Dante, Alan Baxter & Ilza Ribeiro (orgs.), *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 427-455.
- Macedo, Anna Maria Nolasco de (1997), *Locuções prepositivas na constituição histórica da língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2002), Para a história do português culto e popular brasileiro, in Alkmim, Tania (org.), *Para a história do português brasileiro*, Vol. III. São Paulo: Humanitas, 443-464.
- Menezes, Rosimeire (2005), *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

- Mingas, Amélia (2000), *Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras.
- Mollica, Maria Cecília (1996), “A regência verbal do verbo *ir* em movimento”, in Silva, Gisele Machline & Marta Scherre (orgs.), *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 85-119.
- Moura, Denilda (2009), *Resquícios de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz*. Maceió: EDUFAL.
- Naro, Anthony & Marta Scherre (2007), *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Oliveira, Marilza (2005), *A preposição A no português moçambicano*. Comunicação apresentada no 53º Seminário do GEL, UFSCar, São Paulo. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/maril010.pdf>, acesso em 05 de maio de 2017.
- Oliveira, Aparecida (2009), *Relações semântico-cognitivas no uso da preposição ‘em’ no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Oliveira, Márcia Duarte, Ednalvo Campos, Jair Francisco Cecim, Francisco João Lopes & Raquel Azevedo da Silva (2015), “O conceito de Português Afro-Indígena e a comunidade de Jurussaca”, in Avelar, Juanito & Laura Álvarez-López (eds.), *Dinâmicas Afro-Latinas: língua(s) e história(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 149-178.
- Perez, Danae (2015), “Traces of Portuguese in Afro-Yungueño Spanish?”, *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 30(2):307-343.
- Petter, Margarida (2009), “O continuum afro-brasileiro do português”, in Galves, Charlotte, Hélder Garmes & Fernando Rosa Ribeiro (orgs.), *África-Brasil – caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 158-173.
- Pires, Marcos Eroni (2010), *A sintaxe de constituintes locativos no PB: restrição e predicação*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Quilis, Antonio & Celia Casado-Fresnillo (1995), *La lengua española en Guinea Ecuatorial*. Madri: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Ribeiro, Antonio J. C. (2008), “Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo IR na fala carioca”, in Votre, Sebastião & Cláudia Roncarati (orgs.), *Anthony Naro e a Linguística no Brasil – uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: Letras, 87-94.
- Sessarego, Sandro (2011), “On the status of Afro-Bolivian Spanish Features: decreolization or vernacular universals?”, in Michnowicz, Jim & Robin Dodworth (eds.), *Selected Proceedings of the 5th Workshop on Spanish Sociolinguistics*. Somerville, SA: Cascadilla Proceedings Project, 125-141.
- Silveira Bueno (1958), *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

Juanito Ornelas de Avelar– “Complementos direcionais em afro-variedades de português e ...

Viegas, Elaine (2012), *Formas locativas antepostas ao sintagma preposicional locativo: análise na fala culta carioca*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vieira, Maria José Blaskovski (2009), “Variação das preposições em verbos de movimento”, *Signum: Estudos Linguísticos*, 12:423-445.